

Minhas memórias de brincadeiras de infância

MÁRCIA CRISTINA DA SILVA¹

O meu brinquedo preferido, de verdade, verdadeira? Era uma colcha comprada, meio brilhante, furta-cor. Eu amava ficar no quarto em volta da cama brincando de imaginar coisas ao olhar aqueles castelos com suas escadarias que estampavam a colcha. Eu brincava de levar as bonecas e os bonecos para os castelos, bolava viagens, às vezes um entrava em guerra com o outro, às vezes havia perigos e soluções.

Lembro de meu pai chegando do trabalho e espiando pelo canto da porta: Ficou o dia todo aí, Filhinha?

O meu segundo brinquedo preferido eram, na verdade, dois: um casal de bonecos de borracha; ela uma enfermeira e ele um menininho que usava somente um short azul. Lembro do gosto da borracha até hoje porque eu gostava de morder especialmente o chapéu dela e o pé dele. Eles iam também para a colcha e me acompanhavam no meu momento mais torturante do dia: as refeições. Eu não gostava de comer nada.

Mais tarde, quando meu irmão nasceu, aprendi com ele uma de suas brincadeiras preferidas: esconder sobras de comida em lugares bem inusitados, como um meio pão com mortadela que ele colocou dentro de um pé de meia de meu pai, lá no fundo da gaveta.

Obviamente, quando minha mãe descobriu, foi um pampero!

Mas a brincadeira de mais sucesso da minha infância foi

o escorregador da garagem. Casa ladrilhada, com caquinhos vermelhos, típicos dos anos 1960. Minha mãe passava cera e, para ajudar, eu lustrava. E então descobri que para ficar brilhando a rampa da garagem nada melhor do que sentar na flanela e dar impulso. Isso virou febre na minha rua. Abriamos o portão da garagem, nas férias, logo depois que tomávamos o café da manhã e, às vezes, apareciam alguns amigos-vizinhos com um bico de bengala com manteiga numa mão e na outra um tapetinho velho. Cada um trazia o seu tapete, trapinho, almofada e começávamos o nosso campeonato. Descer cada um no seu e ver quem chegava mais longe, descer em duplas e saber qual seria a vencedora, e assim foram crescendo os desafios. Isso durou algumas férias minhas e se perpetuou pelas férias de meu irmão.

Um dia mudamos de cidade e minha mãe achou por bem fazer uma limpa em casa antes de empacotar as coisas. Soube depois que a colcha fora dada para o homem que passava com a carrocinha vendendo biju, e o casal de bonecos desapareceu. Ela não lembrava para quem tinha dado. Eu já tinha 13 anos nessa época, mas lembro que chorei na nova cidade de tristeza por ter mudado, ter ficado longe dos amigos, estar sem a colcha, sem os meus bonecos e talvez sentindo que, de fato, a infância tenha ficado lá naquela casa pintada de verde e amarelo em homenagem ao Tri, aquela casa que era o meu castelo. ●

¹ Formadora do Instituto Avisa Lá.



